



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO UFC VIRTUAL
SISTEMAS E MÍDIAS DIGITAIS

VINICIUS CASTELO DE SOUSA

ENGAJAMENTO DIGITAL E SOCIAL DE MORADORES DO BAIRRO PICI A
PARTIR DA METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA

FORTALEZA-CE

2021

VINICIUS CASTELO DE SOUSA

ENGAJAMENTO DIGITAL E SOCIAL DE MORADORES DO BAIRRO PICI A PARTIR
DA METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Sistemas e Mídias Digitais do Instituto UFC Virtual da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Sistemas e Mídias Digitais.

Orientadora: Profª. Dra. Cátia Luzia Oliveira da Silva

FORTALEZA-CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S698e Sousa, Vinicius Castelo de.
Engajamento digital e social de moradores do bairro Pici a partir da metodologia educacional /
Vinicius Castelo de Sousa. – 2021.
66 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto UFC Virtual,
Curso de Sistemas e Mídias Digitais, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Cátia Luzia Oliveira da Silva.
1. Educomunicação. 2. Extensão universitária. 3. Letramento digital. I. Título.

CDD 302.23

VINICIUS CASTELO DE SOUSA

ENGAJAMENTO DIGITAL E SOCIAL DE MORADORES DO BAIRRO PICI A PARTIR
DA METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Sistemas e Mídias Digitais do Instituto UFC Virtual da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Sistemas e Mídias Digitais.

Aprovada em: **15/04/2021**

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Cátia Luzia Oliveira da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Georgia da Cruz Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Raquel Santiago Freire
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, por ter me permitido chegar até aqui.
A minha mãe Vilani e meu pai Francisco,
pelo apoio incondicional, por todos os
conselhos, os valores, por ter me criado como
uma pessoa de bem, pela compreensão e ajuda
em todo esse período de faculdade e sobretudo
por todo seu amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me guiado e me ajudado a chegar aonde estou hoje.

Aos meus pais, Vilani e Francisco, por desde pequeno me guiarem sempre pelo caminho do estudo para que eu fosse alguém de bem. Por todos os valores, horas e conselhos oferecidos, vocês são minha fonte de inspiração e fontes de vida para mim. Obrigado por toda a luta que só nós sabemos, eu sou e serei eternamente grato por todas as vitórias que conseguimos juntos.

Ao meu companheiro Henrique, por acreditar sempre no meu potencial até mesmo quando eu não acreditava, por toda afetividade, carinho, companheirismo e forças nos momentos difíceis.

A toda minha família que me ajudou, em especial aos meus tios e tias, e as primas Maria Vitória Castelo de Oliveira e Cristiane Gomes de Sousa que sempre estavam com a mão estendida quando eu precisei, com palavras de apoio que afagavam o meu coração.

A todos os professores que me ensinaram e que foram uma ponte para eu conseguir chegar aqui. Em especial a minha orientadora, professora Cátia, que me ajudou no âmbito acadêmico, profissional e pessoal.

E por fim, a toda a UFC por todos os momentos incríveis em que pude passar dentro dela, e por todas as pessoas inesquecíveis que pude conhecer.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si
mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Aprender é inerente a todo ser humano, em todas as fases da vida. Entretanto, pessoas na faixa etária de 50 a 75 anos, são geralmente estereotipadas como aprendizes lentos ou até mesmo incapazes. Este tipo de preconceito e até de exclusão é denominado de “idadismo” por Castro (2015). Quando tal aprendizagem diz respeito ao uso de ferramentas tecnológicas, adiciona-se mais uma camada de exclusão, tendo em vista que adultos com idades mais avançadas são tidos como inaptos para alcançar a apropriação tecnológica de forma competente. Este trabalho trata de uma investigação qualitativa da experiência metodológica desenvolvida no projeto de extensão universitária “UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici”, no qual se busca o letramento digital de um grupo de mulheres artesãs da comunidade do Planalto Pici. O projeto, desenvolvido no Instituto UFC Virtual, busca promover o contato entre universidade e comunidade, a partir de oficinas em mídias digitais ofertadas pelos próprios alunos. Usando a metodologia educacional através dos fundamentos pedagógicos de Paulo Freire, dentre outros, buscou-se uma aprendizagem baseada no diálogo, na troca de saberes e no entendimento de que “educar é sempre comunicar”. Através de observações e de entrevistas com moradores do Pici que participam das oficinas oferecidas por alunos do Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais, com temas voltados para a tecnologia, buscamos compreender a metodologia escolhida para o projeto e descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”;. Buscamos ainda destacar a importância da inclusão digital na vida dos residentes do referido bairro. Comprova-se a partir deste estudo que a Educomunicação fez a diferença nos momentos de ensino dentro do projeto, destacando ainda a amorosidade, acolhimento e diálogo como pontos-chaves do curso.

Palavras-chave: Educomunicação; extensão universitária; letramento digital.

ABSTRACT

Learning is inherent in every human being, at all stages of life. However, people in the 50 to 75 age group are generally stereotyped as slow or even incapable learners. This type of prejudice and even exclusion is called “ageism” by Castro (2015). When such learning relates to the use of technological tools, another layer of exclusion is added, considering that adults with older ages are considered to be unable to achieve technological appropriation in a competent manner. This work deals with a qualitative investigation of the methodological experience developed in the university extension project “UFC and the Community: Training of young people from Planalto Pici”, in which the digital literacy of a group of women artisans from the Planalto Pici community is sought. The project, developed at the UFC Virtual Institute, seeks to promote contact between the university and the community, through workshops on digital media offered by the students themselves. Using the educommunicative methodology through the pedagogical foundations of Paulo Freire, among others, we sought to learn based on dialogue, the exchange of knowledge and the understanding that “educating is always communicating”. Through observations and interviews with residents of Pici who participate in the workshops offered by students of the Bachelor of Systems and Digital Media, with themes focused on technology, we seek to understand the value and effectiveness of the methodology chosen for the project and describe the digital engagement and social in the university extension project “UFC and The Community: training of young people from Planalto Pici” ;. We also seek to highlight the importance of digital inclusion in the lives of the residents of that neighborhood. It can be seen from this study that Educommunication made a difference in the teaching moments within the project, highlighting the lovingness, welcoming and dialogue as key points of the course.

Keywords: Educommunication; University Extension; digital literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Turma de educomunicação junto com os alunos do projeto	31
Figura 2 – Participante do projeto Mulheres do Brilho da Lua	32
Figura 3 – Participante do projeto Mulheres do Brilho da Lua	32
Figura 4 – Participante do projeto Mulheres do Brilho da Lua	32
Figura 5 – Tutores auxiliando cursistas durante a oficina do projeto.....	39
Figura 6 – Tutores auxiliando cursistas durante a oficina do projeto.....	39
Figura 7 – Momento de apresentação do conteúdo por meio de slides	39
Figura 8 – Tutores usando caixas para exemplificar memória do celular	41
Figura 9 – Distribuição de alunas e tutores no ambiente.....	44
Figura 10 – Momento de descontração entre os participantes do projeto.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
SMD	Sistemas e Mídias Digitais
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 EDUCOMUNICAÇÃO	17
2.1 Origem e Conceitos	17
3 TECNOLOGIAS, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) E LETRAMENTO DIGITAL NA IDADE ADULTA	20
3.1 Definição e conceitos de tecnologia	20
3.2 Evolução tecnológica	21
3.3 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)	22
3.4 Idadismo	24
3.5 Inclusão Digital e Social	25
3.6 Letramento Digital	26
4 METODOLOGIA	29
4.1 Tipo de Pesquisa	29
4.2 Contexto da pesquisa	30
4.2.1 O projeto UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici	30
4.3 Instrumentos de Coleta de Dados	33
4.3.1 Entrevista Semiestruturada	33
4.3.2 Observação In Loco	34
4.3.3 Entrevista estruturada	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
5.1 Primeiro objetivo:	36
5.1.1 Metodologia Educomunicativa	36
5.2 Segundo objetivo:	43
5.2.1 Inclusão Digital e Social	43
5.3 Terceiro objetivo:	47
5.3.1 Motivação	47
5.3.2 Dificuldades e Preconceito	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7 REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A - Protocolo de Entrevista estruturada	59
APÊNDICE B - Protocolo de Entrevista semiestruturada	60
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	62
APÊNDICE D - PLANILHA DE ANÁLISE DE DADOS	64

1 INTRODUÇÃO

No projeto de extensão universitária UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici, usa-se a metodologia educacional, pautada por ensinamentos de Paulo Freire, em que a educação é comunicação, é diálogo (Freire, 1983). O projeto também considera que a aprendizagem digital vai além de usar materiais tecnológicos. A educação, que surge na interface entre comunicação e educação, duas áreas importantes que significam “pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal e não formal no interior do ecossistema comunicativo”, como dizem Citelli e Costa (2011. p. 8). Para Aparici (2014), falar de educação é pensar na prática da educação e da comunicação em um sistema educacional baseado no diálogo e na participação, que não se utilizam somente de tecnologias, mas buscam a mudança de atitudes e de concepções. Levam-se em conta: o comportamento, as crenças, o histórico de aprendizado do próprio educando.

Projetos de extensão buscam solucionar problemas que já existem, mas que esses são de interesse não só das universidades, mas principalmente das necessidades da sociedade, fortalecendo a relação existente desta com a Universidade. Segundo Thiollent (2003) “extensão torna-se uma importante fonte de informação para o mundo acadêmico, difícil de obter por outros meios. Com ela, estabelece-se uma riqueza de contatos, com grande variedade de interlocutores. Anima-se a vida cultural dos campi e de seu entorno; e potencializam-se ações transformadoras na sociedade.”

Tendo isso como base, este trabalho trata dessa troca de diálogos entre os alunos do curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará e a comunidade do Planalto Pici, em especial com o grupo Brilho da Lua, que é formado por mulheres artesãs, com idades entre 40 a 70 anos. Tal grupo, que se formou com o propósito inicial de discutir sobre a saúde e higiene das suas famílias e dos demais moradores, é onde hoje se pratica essa troca de aprendizados, e que também pode-se ver a importância da comunicação e da tecnologia.

Além da divulgação dos seus trabalhos nas redes sociais, essas mulheres buscam a utilização da tecnologia em outras tarefas no grupo, como por exemplo o cálculo de gastos e receitas das suas vendas, por meio de planilhas digitais. As professoras da disciplina de Educação ao buscar figuras mais fortes dentro da comunidade, chegou até esse grupo de mulheres, e assim, vindo delas a vontade e necessidade de aprender sobre as tecnologias, o

projeto que antes tinha o objetivo de se iniciar com os jovens, abraçou o desafio de iniciar com o referido grupo. Com isso, o título do projeto continua o mesmo, pois futuramente espera-se que as alunas possam trazer seus filhos, netos e amigos e ocorra uma expansão do projeto para o público nesta faixa etária.

Essa tecnologia com a qual elas buscam iniciar contato já está presente em todos os âmbitos da nossa vida, desde nossas casas até nossas empresas, nas instituições, pois todos esses meios estão se tornando informatizados.

A evolução constante e rápida proporciona transformações em todos os âmbitos da sociedade, aumentando a necessidade de dominar os recursos de dispositivos informatizados, independente do grupo social e/ou faixa etária. Através das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) esse grupo de mulheres teve a oportunidade de aprender a usar melhor a tecnologia na realização de tarefas que antes eram executadas usando somente caneta e papel, facilitando assim a concretização de atividades no dia a dia. Há o senso comum de que o domínio de recursos digitais ocorre mais facilmente para aqueles que já nasceram em meio ao uso de computadores e *smartphones*, e que já têm habilidades para usar a tecnologia. Mas o pensamento é totalmente diferente quando se trata daqueles que não se enquadram nesse grupo, precisando conviver e interagir com as novas tecnologias. Além disso, aprendemos a conviver em meio a tantas inovações tecnológicas, que surgem praticamente todos os dias.

Com base neste contexto, é relevante que possamos enxergar melhor as pessoas em idades adultas mais maduras e as idosas. É preciso que também se leve em consideração que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE:

O segmento populacional que mais aumenta na população brasileira é o de idosos, com taxas de crescimento de mais de 4% ao ano no período de 2012 a 2022. [...] Espera-se, para os próximos 10 anos, um incremento médio de mais de 1,0 milhão de idosos anualmente (ERVATTI, L. G.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P., IBGE, 2015, p. 146).

Face a esse crescimento demográfico de pessoas nessa fase da vida que por vezes não são vistas pela sociedade como aptas à aprendizagem e que carecem de acesso à tecnologia, é necessário que possamos promover oportunidades para transpassar todos os preconceitos, com a finalidade de que se tornem aprendizes das novas tecnologias. Para tal, é usado no projeto o letramento digital. De acordo com Buzato (2003, p. 24), letramento digital é o “conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas

mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo” . Observamos o que escreve Buzato, que tarefas básicas são essenciais no letramento digital, como por exemplo, assistir a um vídeo no *YouTube*, realizar uma pesquisa na internet, construir uma planilha no *Excel*, dentre outras atividades.

Segundo Takahashi (2000) é imprescindível promover a alfabetização digital que proporcione a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também que capacite as pessoas para a utilização dessas mídias em favor dos interesses, e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania. Pelo letramento digital, as pessoas são capazes de ter uma postura crítica, sendo aptas a ter influência dentro de seu contexto cultural e social.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a metodologia educacional no contexto do projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”. São objetivos específicos:

1. Descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”;
2. Destacar a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Planalto Pici;
3. Identificar a motivação para o letramento digital na vida adulta.

Os capítulos a seguir apresentam o referencial teórico, com questões que dizem respeito ao projeto: educação, tecnologias da informação e comunicação, letramento digital, idadismo. Falaremos sobre a evolução tecnológica e ao mesmo tempo dos benefícios trazidos por ela. Destacaremos as dificuldades que pessoas da idade adulta têm em conviver com essas questões, entrando em pauta o preconceito sofrido por elas, denominado de idadismo. Segue-se, com a análise das observações *in loco*, das entrevistas estruturada e semiestruturada com as participantes do projeto e finaliza-se pautando as considerações mais importantes decorrentes das análises dos dados coletados.

2 EDUCOMUNICAÇÃO

Antes de tudo, é importante mostrar a base histórica da metodologia educacional, bem como algumas das principais questões.

2.1 Origem e Conceitos

Pode-se definir que a Educomunicação é um campo de diversas possibilidades entre educação e comunicação. Já no final do século XX surge em nosso meio uma educação voltada para os meios de comunicação em massa. Com o passar do tempo e com a contínua modernização tecnológica, viu-se uma necessidade de formar uma educação voltada para a tecnologia, envolvendo a mídia e a comunicação para favorecer a escola e a aprendizagem dos alunos.

A educomunicação vai muito além do uso de elementos tecnológicos em sala de aula, a educomunicação escuta o aluno, e é pautada principalmente na troca de saberes. Para Soares:

A educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a: a) integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, observando como agem os meios de comunicação na sociedade e buscando formas de colaborar para a leitura crítica pelos alunos, para que estes não se deixem manipular; e b) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. (SOARES, 2004, p.44)

Com a educomunicação busca-se sair das salas de aulas tradicionais na qual o professor é visto como um detentor do saber e o aluno alguém que vai até a escola apenas para absorver conhecimentos. Entende-se que todos temos vivências e temos conhecimentos, as salas de aulas devem ser pautadas pela comunicação mútua entre todos os membros daquele espaço, onde todos possam se sentir seguros para falar e ouvir.

Duas das iniciativas mais antigas de inter-relacionar a educação com a comunicação foram os trabalhos de Célestin Freinet (1896-1966) e Janusz Korczak (1878-1942), quando eles viram o jornal como um aliado no processo educacional e, para suprir a necessidade de recursos que pudessem ajudá-los a realizar esse trabalho, usaram a imprensa (SOBREIRO, 2005). Com esse trabalho foi possível perceber o quanto as crianças sentiam a necessidade de expor as suas opiniões e que por meio do jornal isso se tornava

possível, e foi a partir daí que objetos de mídia e comunicação foram sendo usados nas escolas. Os alunos cada vez mais foram se tornando insatisfeitos com o método de ensino antigo, pois eles não tinham o direito de expressar as suas opiniões. Desta forma, para Soares (2003), a Educomunicação é vista como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. (SOARES, 2003, p. 43)

A educomunicação é um campo que tende a crescer, onde a educação se relaciona com a comunicação, causando um melhoramento e satisfação nos espaços educativos pelo fato primordial de todos poderem expressar suas opiniões.

Para Roberto Aparici (2014), “a educomunicação é comumente conhecida como recepção crítica da mídia, pedagogia da comunicação, educação para a televisão, pedagogia da imagem, didática dos meios audiovisuais, educação para a comunicação, educação midiática etc. Mas o entendimento desta área só está aumentando e nisso a educomunicação inclui, sem reduzir-se, o conhecimento das múltiplas linguagens e meios através dos quais se concretiza a comunicação pessoal, grupal e social. Abrange também a formação de senso crítico, inteligente, sobre os processos comunicativos e sobre suas mensagens para descobrir os valores culturais próprios e a verdade”. (CENECA/UNICEF/UNESCO, 1992, apud APARICI, 2014).

A educomunicação, como se pode ler no site do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE – ECA/USP), vem se consolidando como proposta de “construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar.”

A educomunicação traz para a atualidade uma prática educacional e filosófica baseada no diálogo e na participação, e necessita principalmente de uma mudança nas

atitudes e concepções. Muitos dos princípios da área são baseados na comunicação dialógica que Paulo Freire aprofundou-se e ensinou:

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos seres para si mesmos. (FREIRE, 1983, p.43)

Desta forma, pode-se destacar que uma das características essenciais da educomunicação é o diálogo, ou seja, a troca de conhecimentos, fazendo com que todos realizem essa troca de novas experiências com base na vivência com o outro. Para Freire:

O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador e educando vão ambos desenvolvendo uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação (FREIRE, 1983, p.36).

É impossível falar em inovação na aprendizagem e não falar em educomunicação, com ela os caminhos da aprendizagem se abrem, e novos conhecimentos são compartilhados.

3 TECNOLOGIAS, TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) E LETRAMENTO DIGITAL NA IDADE ADULTA

Assistir à TV, verificar e realizar pagamentos pela internet, assistir a vídeos, participar de grupos em redes sociais, realizar uma chamada de vídeo do seu *smartphone* para um familiar de outro lado do país ou do mundo, compartilhar fotos com familiares e amigos: todas essas são tarefas cotidianas que realizamos graças à tecnologia da informação.

Antes de mais nada, é importante entender como e onde surgiu o termo tecnologias digitais, e conceituar termos relevantes para a construção deste trabalho.

3.1 Definição e conceitos de tecnologia

O termo tecnologia, segundo Blanco e Silva (1993), vem do grego *technê* (arte, ofício) e *logos* (estudo de) e referia-se à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, suas partes e as operações dos ofícios. O termo começou a ser mais difundido nos séculos XV e XVI, com o surgimento da indústria tipográfica na Europa e a criação das mídias eletrônicas nos séculos XIX e XX, as transformações na vida social continuaram a ser expressivas, haja vista a capacidade estendida de promover interação (THOMPSON, 2011).

Para Blanco e Silva (1993) o termo tecnologia é usado para referenciar a fixação dos termos técnicos, designando os objetos, suas partes e as operações dos ofícios. Já em meados do século XVIII, a tecnologia se deu como a transformação do pensamento técnico, afastando-se do caráter descritivo para se comprometer com a experimentação.

Logo, a tecnologia pode ser definida como o saber teórico da técnica, onde o estudo e o saber técnico são tidos como bases para experimentação. Sua importância é evidente visto que nos dias de hoje tecnologia e sociedade andam de mão dadas, tendo em vista as diferentes formas que possibilitam a comunicação com alguém.

Para Thompson (2011), quando novos meios de comunicação são desenvolvidos e introduzidos, as maneiras que os indivíduos se relacionam com eles próprios e com os outros é mudada. É possível analisar, desta forma que conforme novas tecnologias vão surgindo, surgem também novas relações, e essa mudança ocorre principalmente pela quantidade de informações que são trocadas diariamente pelos usuários da tecnologia.

Essa transformação é mensurada pelas informações que são trocadas em redes. A respeito desse ponto, Castell (1999), traz:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. [...] A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social (CASTELLS, 1999, p. 565).

Segundo o autor, pode-se enxergar a hierarquização que acontece com o advento da tecnologia. Nos dias atuais quem tem um maior poder de acesso à rede de informações é visto como alguém que possui um poder maior na sociedade.

Relacionando Castells (1999) e Thompson (2011), pode-se enxergar as mudanças que ocorrem cotidianamente nos meios digitais, onde todos os dias surge uma nova tecnologia, e com ela a necessidade de novos aprendizados, e a divisão social e de poder ocorre com base na rapidez com que os indivíduos conseguem assimilar esses novos conhecimentos.

3.2 Evolução tecnológica

De acordo com Andrade (2019, p. 8), “A evolução da tecnologia binária teve início a partir da segunda guerra mundial, quando a eletrônica, do silício, dos semicondutores, se tornou um campo de pesquisa e desenvolvimento de grande relevância tanto na área acadêmica quanto na área empresarial industrial.”

Após a invenção do primeiro computador, a evolução tecnológica teve um avanço significativo com o passar dos anos, as pesquisas aumentaram e o desenvolvimento de novas tecnologias só crescia. O primeiro microcomputador surgiu em 1975, chamado de Altair, e após essa invenção, a Apple começou a desenvolver suas máquinas de forma alavancada, isso em 1980.

Com o desenvolvimento tecnológico avançando de forma extraordinária, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), segundo Andrade (2019) “diminuiu distâncias, aumentando a produtividade nas empresas e apresentando novas possibilidades de entretenimento”.

Nesse contexto, Silveira (2005) mostra que:

A nova revolução tecnológica tem recebido diversas denominações: Castells a chamou Revolução das Novas Tecnologias de Informação, Negroponte preferiu denominá-la Revolução Digital, Jean Lojkin nomeou-a Revolução Informacional e Jeremy Rifkin a apontou como a Era do Acesso, entre tantas outras classificações. O que parece comum a todos é que no cerne dessa revolução está o uso do computador como instrumento vital da comunicação, da economia e da gestão do poder. (SILVEIRA, 2005, p.8)

Por outro lado, a revolução tecnológica traz para a sociedade uma nova dinâmica de ensino e em consequente novas formas de classificação para empregos, novas formas de interação social, e causando mudança em diferentes pontos da sociedade. Para Silveira, “(...) Os agrupamentos que não souberem manipular, reunir, desagregar, processar e analisar informações ficarão distantes da produção do conhecimento, estagnados ou vendo se agravar sua condição de miséria.”. (SILVEIRA, 2001)

As mudanças ocorrem, e pode-se ver que a cada dia as informações se tornam mais rápidas, a comunicação muda, tendo em vista o surgimento contínuo de novas tecnologias da informação. Na citação de Silveira, pode-se destacar a importância que a comunidade deve dar para a aprendizagem das tecnologias atuais e da influência que isso tem na vida dos cidadãos, já que além da inclusão digital, as TICs influenciam ainda mais a inclusão social na sociedade atual.

No contexto brasileiro de uso das tecnologias da informação e comunicação, Saraiva (1996) considera como marco inicial a criação, por Roquete-Pinto, entre 1922 e 1925, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e de um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão como forma de ampliar o acesso à educação.

Foi aí que a sociedade deu uma maior relevância às questões de ensino usando a tecnologia, foi o passo inicial para as TICs serem usadas no meio educacional. Saraiva (1996), destaca que “em 1992 foi criada a Coordenadoria Nacional de Educação a Distância na estrutura do MEC e, a partir de 1995, a Secretaria de Educação a Distância.”

3.3 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)

É importante contextualizar as TDICs que fazem parte do escopo geral do trabalho, pois são essas tecnologias que permeiam toda a aprendizagem e interação entre educadores e alunos do projeto em análise.

Para conceituar e diferenciar as nomenclaturas faz-se necessário referenciar pesquisadores da área. Segundo Pimenta (2016) “O uso da ‘Tecnologia na Educação’ não é recente, pois vem evoluindo de acordo com cada época histórica. Como exemplos de tecnologias mais antigas utilizadas na educação têm-se o mimeógrafo, o retroprojetor, o projetor de *slides*, o rádio, a televisão, e muitos outros”. Já o computador, a internet, o *laptop*, o *tablet* e o *smartphone* são denominados por Kenski (1998) de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTIC – e por Baranauskas e Valente (2013), de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC.

Por mais que sejam semelhantes, essas são tecnologias diferentes que são acompanhadas de uma dinâmica de uso diversa. Muitas vezes essas tecnologias são comumente confundidas apenas com o uso do computador, porém é por meio delas que a evolução na educação ocorre diariamente. Como exemplos, citamos as novas formas de leituras de um livro online, ou salas de aulas virtuais, ou ainda usar aplicativos de mensagens instantâneas como forma de diálogo entre alunos e professores. Todas essas novas tecnologias têm em comum a capacidade de levar aprendizagem para diferentes locais, que podem também podem ser chamadas simplesmente de Tecnologia Digital.

Porém, diferente do que se imagina, apenas implementar as TDIC’s na dinâmica escolar não faz com que a aprendizagem dos alunos melhore, é importante ter um acompanhamento inicial com os educadores, assim Blanco e Silva (1993) ressaltam que,

A tecnologia educativa surge, assim, por um lado, como via de acesso ao processo geral de tecnização da vida, isto é, o homem deve ser educado para atuar conscientemente em um ambiente tecnológico e, por outro lado, como uma ciência aplicada capaz de contribuir para tornar o processo educativo mais eficaz. (BLANCO; SILVA, 1993, p.39).

A tecnologia como facilitador de aprendizagem está se expandindo, e se tornando uma das principais ferramentas de ensino, por ser didática, diferente e por despertar a curiosidade dos alunos. Isso faz com que a tecnologia seja usada como meio de ensino para diversos públicos.

Como Garcia (2001) fala, os meios de comunicação eletrônicos atuam como um canal de construção de informação, que pode se transformar em conhecimento. A tecnologia vem inovando, mudando também a criatividade do homem, modificando a forma como cada um adquire conhecimentos.

Assim a internet está sendo usada como uma fonte de socialização entre os usuários, e assim, a informação que é trocada, seja em fóruns, redes sociais, ou outros meios é também uma forma de conhecimento para essas pessoas.

Para Baranauskas e Valente (2013),

Nossa relação com o conhecimento e com as outras pessoas é atualmente mediada pelas chamadas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), que são determinantes na constituição da sociedade e em nossas vidas, em termos de valores, atitudes, convenções e práticas sociais e econômicas que engendram. (BARANAUSKAS; VALENTE, 2013, p. 15)

Com base nisso, pode-se concluir que a internet além de um ambiente de aprendizagem é também um ambiente de inclusão social, jovens, adultos e idosos podem se integrar usando esse meio. Porém mesmo os ambientes virtuais sendo abertos, ainda hoje encontra-se preconceito na internet, e o conseqüente afastamento e uma certa resistência à tecnologia.

3.4 Idadismo

A internet é um local onde podemos encontrar todos os tipos de informações possíveis, mas também um ambiente onde a socialização acontece. Mas mesmo atualmente ainda temos muitos tipos de preconceitos espalhados tanto no mundo real, como também no virtual. Nesta seção se realiza uma discussão sobre o termo “idadismo”.

Para Castro (2015), podemos entender o idadismo (*ageism*) como uma forma ainda pouco discutida de preconceito, baseado na idade, que ocasiona a discriminação contra as pessoas vistas como idosas e contribui para a sua marginalização e eventual exclusão social.

Essa forma de preconceito diz que pessoas na idade adulta são incapazes de aprender e isso causa um medo nos adultos que buscam entrar no mundo tecnológico, medo de errar algo, vergonha de pedir ajuda aos mais próximos, causando um distanciamento social e digital nessas pessoas. É necessário que essa barreira seja quebrada para que mais pessoas possam não somente ter acesso à Internet, mas possam usá-la sem medo, dar suas opiniões e serem incluídas neste meio, em busca de informações e para que possam compartilhar seus conhecimentos com todos, sem distinção.

Em virtude das mudanças bruscas no contexto tecnológico e da rapidez das informações, faz-se necessário o aprimoramento tecnológico na idade adulta, pois assim como é citado abaixo, as técnicas de trabalho estão evoluindo e assim é preciso que o trabalhador acompanhe essas mudanças.

Já na esfera dos desafios enfrentados no mundo produtivo, Debert (2010) acrescenta:

As mudanças relacionadas com a informatização, a velocidade na implementação de novas tecnologias e a rapidez na obsolescência das técnicas produtivas e administrativas fazem com que a relação entre as grades de idade e a carreira seja obliterada, na medida em que conhecimentos anteriormente adquiridos frequentemente tornam-se obstáculos para a abertura e a adaptação às inovações (DEBERT, 2010).

Para Castro (2015), deve-se ter cuidado também com atitudes nas quais se mesclam condescendência e negligência em relação aos mais velhos. Deve-se ter atenção para este tipo de atitude e ter a preocupação de incluir esse público nos meios digitais e sociais.

3.5 Inclusão Digital e Social

Na sociedade contemporânea, vivemos atualmente tendo como base principal a tecnologia da informação. Grande parte das nossas tarefas diárias, a educação, o trabalho, o lazer, estão relacionadas à tecnologia da informação. A informatização está presente em boa parte da nossa vida e com isso constata-se que a inclusão digital é um ponto significativo na sociedade atual, e sobre isso Lemos e Costa (2005) dizem:

A sociedade contemporânea é comumente denominada de “Sociedade da Informação”. Embora o termo seja impreciso e de caráter ideológico, a expressão visa descrever as novas configurações socioculturais que foram impulsionadas pela convergência tecnológica, iniciada nos anos 70 e consolidada nos anos 90, entre a informática, as telecomunicações e os diversos setores produtivos. (Lemos e Costa, 2005, p. 1)

Vivendo em uma sociedade da informação, como citado acima, é importante usar as TDICs para aumentar o número de pessoas adultas incluídas no contexto da tecnologia. As TDICs podem ter um impacto positivo na aprendizagem, favorecendo também a inclusão digital a esse público.

Ainda segundo Lemos e Costa (2005), a exclusão social é maior que a exclusão digital, e mesmo o governo brasileiro estando preocupado com esta questão, não consegue evoluir pois não consegue propor ações, com a ausência de modelos. As ações no Brasil se dificultam pelo fato das diferentes realidades presentes no nosso país. Ao se propor políticas públicas para uma cidade, dificilmente ocorrerá o mesmo em outras cidades.

No Brasil, estar inserido digitalmente significa muito mais que estar conectado e em rede, é uma forma de estar incluído socialmente no ambiente em que cada cidadão vive. Incluí-los na era da informação passa a ser uma obrigação dos poderes públicos, já que a inclusão digital está associada à inclusão social (Lemos e Costa, 2005). A inclusão digital, podendo ser vista como um direito do cidadão brasileiro, os órgãos públicos devem colocar essa questão em pauta, e incluir a todos nos meios digitais.

Frente ao que foi exposto, concorda-se com Bernardo Sorj (2003) quando ele afirma que “embora aceitemos que as novas tecnologias não sejam uma panacéia para os problemas da desigualdade, elas constituem hoje uma das condições fundamentais da integração na vida social”

3.6 Letramento Digital

Como visto anteriormente, é importante que se tenha domínio das TDICs, para que se tornem ferramentas potenciais de aprendizagem e de participação nas redes sociais. No caso da idade adulta, essa aprendizagem torna-se ainda mais importante pois a internet é para o cidadão um meio de inclusão social.

É importante reforçar mais uma vez que não existe idade para adquirir novos conhecimentos. O preconceito com esse público não deve existir em iniciativas de letramento digital. Devem ser oferecidas oportunidades para que os adultos possam descobrir os seus talentos para ter uma melhor qualidade de vida, e envolvimento social.

Souza cita o governo da Nova Zelândia que para o qual letramento digital é “a habilidade de usar tecnologia digital, ferramentas de comunicação ou redes de contato para localizar, avaliar, usar e criar informação” (SOUZA, 2007).

O letramento digital é uma habilidade de consumir, mas também de produzir competentemente e criticamente para diferentes públicos, usando computadores e/ou de qualquer meio digital. De acordo com Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002, p. 3), “não

poderá haver sociedade da informação sem cultura informacional e que o maior problema da inclusão digital não é a falta de computadores, mas o analfabetismo em informação”.

Se considerarmos o conceito amplo de letramento, Soares (2019) menciona a importância em se aproximar o ensino ao contexto social em que se está inserido. O mediador deve ter um olhar amplo para os alunos, pois não é possível que exista um “conceito único de letramento adequado a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político” (SOARES, 2019, p.79).

Com a autora citada acima, mesmo que não esteja falando da alfabetização midiática, aprendemos que cada aluno tem uma forma diferente de aprendizagem e isso os torna únicos, e sendo assim, a maneira como irá ser alfabetizado também deve ser único respeitando o olhar de cada um, adequando-se assim a cada aluno.

E o mesmo se aplica para o letramento digital. Além desse requisito, para as autoras Coscarelli e Ribeiro (2005) deve-se atentar também para o seguinte:

Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização. No caso do letramento digital não é diferente. É preciso ir muito além do aprender a digitar em um computador. Quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e a seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informática, mas não necessariamente em inclusão digital. (...) a inclusão é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 15)

As autoras evidenciam nessa citação que aquelas pessoas que muitas vezes são excluídas seja digital ou socialmente, não se tornam incluídas naquele meio apenas por estar utilizando aparelhos tecnológicos, ou apenas por estar presente ali, que a inclusão é um processo bem mais participativo, onde esses recém chegados à rede devem ter os mesmos direitos e serem vistos com os mesmos olhos dos que já estavam naquele ambiente antes. Para que isso seja possível é importante que os cidadãos que estão se apropriando da tecnologia da informação sejam ensinados a ter um contato com o instrumento técnico de forma mais crítica.

Em vista do que já foi apresentado a respeito do letramento digital, Santos diz:

Os avanços das TIC são compreendidos como bases facilitadoras em nosso dia a dia, mas que para muitos ainda estamos acostumados a associar o uso eficaz destas à população mais jovem. No entanto, as TIC estão disponíveis em sua maioria para

facilitar a vida dos indivíduos; elas surgiram na vida de alguns idosos, como um componente que os exclui digitalmente, tornando-os incapazes de realizar de forma autônoma as tarefas diárias, que em algumas vezes são fundamentais para sua independência, contrariando o interesse de manter-se atualizado na era digital. (SANTOS, 2018, p. 64)

Pode-se constatar aqui a importância das TICs na vida da sociedade, porém ainda hoje a tecnologia digital é vista como exclusiva ou prioritária para o público jovem.

Por outro lado, deve-se destacar que o uso da tecnologia não define a sociedade e sim a sociedade que define e dá forma à tecnologia, de acordo com as necessidades individuais e sociais de cada um. Além disso, as TDICs são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. (CASTELLS, 2005)

4 METODOLOGIA

Neste capítulo do trabalho, evidencia-se o tipo de pesquisa, a demarcação dos sujeitos da pesquisa e os instrumentos e técnicas utilizados na análise de dados para construção dos resultados. Como objetivo geral deste trabalho temos: Analisar a metodologia educ comunicativa pautada por Paulo Freire, baseada na troca de saberes e no diálogo. Os objetivos específicos são os seguintes:

4. Descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”;
5. Destacar a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Pici;
6. Identificar a motivação para o letramento digital na vida adulta.

4.1 Tipo de Pesquisa

Este trabalho é uma investigação qualitativa da experiência metodológica desenvolvida no caso do projeto de extensão universitária “UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici”. Um total de 15 entrevistas estruturadas, observações do projeto no período de 2018 e 2019, e 10 entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com as participantes das oficinas, durante o ano de 2019 e 2020. Buscou-se analisar a metodologia usada no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”. O projeto também valoriza a amorosidade, a leitura crítica do mundo e a formação de uma consciência cidadã.

Segundo Malhotra *et al* (2005) o objetivo da pesquisa qualitativa é a obtenção da compreensão qualitativa do problema. A amostra é tomada por um número pequeno de casos. A coleta dos dados não é estruturada e sua análise não é estatística.

Assim, a pesquisa qualitativa busca o real significado dos dados obtidos pelo pesquisador. Este tipo de pesquisa busca encontrar as origens, fundamentos e pontos chaves da pesquisa, explorando o comportamento, e motivações dos participantes do curso, priorizando suas experiências individuais. Busca-se desta forma conseguir respostas mais espontâneas e menos direcionadas para as hipóteses do pesquisador. Ljungberg (2010) conclui que a validade em pesquisas qualitativas está relacionada com a responsabilidade no

tratamento das informações obtidas e nas decisões do pesquisador, envolvendo também a preocupação ética.

Segundo Goode e Hatt (1975), o estudo de caso permite investigar, em profundidade, o desenvolvimento, as características e demais aspectos constitutivos de qualquer unidade social: um indivíduo; um núcleo familiar; um grupo social; uma empresa pública ou particular etc. Para esses dois estudiosos, com o estudo de caso somos capazes de permitir a organização de todos os dados de caráter social do grupo estudado, e desta maneira, seu caráter e natureza sejam mantidos preservados

4.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi elaborada com o apoio de em média 15 participantes do grupo de mulheres do projeto “Brilho da Lua” e moradores do bairro Pici que participaram do projeto, com idades de 50 a 75 anos. Com relação ao nível de escolaridade, 1 participante já tem o nível superior concluído, 1 com ensino superior incompleto, 5 com ensino médio completo, 1 com ensino médio incompleto, 5 com fundamental incompleto e 2 não frequentaram a escola. Esses foram voluntários em entrevistas semiestruturadas individuais que foram gravadas, entrevista estruturada por meio de ligações de voz. Realizou-se também uma observação *in loco* nos momentos das aulas.

Previamente às entrevistas, as participantes do projeto assinaram um termo de consentimento (vide apêndice C), garantindo que todos estavam de acordo com os termos estabelecidos de participação das entrevistas. E a fim de garantir a segurança e proteção dos dados das pessoas entrevistadas, citarei as mesmas na apresentação do resultado apenas pelas iniciais do seu nome.

Após a coleta dos dados, os resultados serão disponibilizados de forma transcrita exatamente da forma que foi coletada. E enquanto apresentam-se os dados, será feita uma discussão dos resultados da pesquisa, organizado pelos objetivos específicos do estudo.

4.2.1 O projeto UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici

O projeto UFC e a Comunidade foi criado em 2017, no curso de Sistemas e Mídias Digitais (SMD). Surgiu logo após a mudança do curso de SMD para o seu novo bloco, que fica localizado na extremidade do Campus do Pici, separado da comunidade do Planalto do Pici apenas por um muro.

O bairro Planalto do Pici, que é conhecido por abrigar o campus da Universidade Federal do Ceará, deveria ser uma área onde o conhecimento adquirido na UFC pudesse ser espalhado. O bairro, segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza com base nos dados do Censo Demográfico 2010, apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,218 ocupando a centésima posição de cento e dezanove bairros.

Visto que o curso estava então em um novo território, enxergou-se no projeto uma oportunidade de dar um retorno social à comunidade, sendo um dever de quem faz parte de uma instituição pública como a UFC. A professora coordenadora ressalta que: "O projeto permite ainda aos estudantes de graduação, sejam eles bolsistas ou voluntários, a oportunidade de compartilhamento de conhecimento aprendido na universidade, favorecendo uma consciência cidadã sobre a responsabilidade de uma instituição pública. E ratifica o propósito de seu corpo discente e docente de atuar com vistas à transformação social, ao mesmo tempo em que exercita a prática da docência." (SILVA, 2020, p.72)

Inicialmente o projeto integrava também o cronograma da disciplina de Educomunicação, e os alunos realizavam esse trabalho de forma voluntária. Nos primeiros contatos com os líderes da comunidade, chegou-se a um grupo de mulheres artesãs, denominado Brilho da Lua, onde elas confeccionavam bonecas de pano que eram vendidas em terminais de ônibus e em feiras livres.

Figura 1: Turma de Educomunicação junto com os alunos do projeto.



Fonte: Acervo da coordenação do projeto,.

O grupo de mulheres do Brilho da Lua foi criado por volta do ano de 1990. Inicialmente, esse grupo de mulheres se reunia para discutir sobre a saúde e higiene das suas famílias, e se reuniam também para troca de saberes, como por exemplo a medicina alternativa, que era muito usada pelo fato do bairro ainda não ter um sistema de saneamento básico e o índice de doenças ser alto. A religião também sempre esteve muito presente na vida dessas mulheres, e foi por meio da religião, em busca de um local para serem realizadas as celebrações eucarísticas que elas conseguiram construir, por meio de mutirões, o salão que é ocupado por elas até hoje.

Figuras 2,3 e 4: Participantes do Projeto Brilho da Lua



Fonte: Acervo da coordenação do projeto

O nome do grupo (Mulheres do Brilho da Lua) se originou devido ao desenho de uma lua no muro da entrada do local de encontro. Inicialmente, eram conhecidas como Mulheres da Entrada da Lua. Após algumas modificações, chegou-se à versão atual do nome do grupo.

Com o tempo, além da medicina natural, entre as mulheres do grupo surgiu um novo interesse: a produção de peças artesanais, como bolsas, panos de prato, pesos de porta, dentre outros produtos, e quase todas que participavam tinham um talento para compartilhar, e as que não sabiam costurar, logo aprenderam com os ensinamentos do grupo.

Através da economia solidária, logo dedicaram seu trabalho somente à confecção de bonecas de pano, sendo uma forma de não estimular a competição pelo lucro. A partir daí o grupo foi crescendo, e assim surgiu a necessidade também de uma melhor gestão de dados, mais informatizada.

E foi nesse contexto que se chegou ao salão onde as mulheres se reuniam, e logo que foi citado o desejo de criar um grupo de extensão, este grupo demonstrou interesse em aprender a usar a tecnologia tanto para seu uso pessoal, como também para facilitar as tarefas realizadas a papel e caneta nas vendas das bonecas, como por exemplo: aprender a manipular planilhas, capturar melhores fotos dos seus produtos, divulgar nas redes sociais etc. E assim surgiu o projeto, inicialmente ensinando o uso do celular para as mulheres do Brilho da Lua, e conforme o tempo foi passando novas demandas iam surgindo, e novos aprendizados sendo compartilhados ali.

Apesar de o nome do projeto ser UFC e a comunidade: Formação de jovens no planalto Pici, houve um contato inicial na comunidade com as Mulheres do Brilho da Lua, que pediram para que o projeto se iniciasse por elas, e assim decidiu-se que o nome continuaria incluindo os jovens, e que futuramente, espera-se que o projeto cresça e possa incluir também essa parte da população.

4.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Tendo o propósito de ter um maior aprofundamento das motivações dos cursistas e uma maior percepção da pesquisa, optamos pelos três instrumentos: Entrevista semiestruturada, observação e entrevista estruturada, que serão melhor detalhados a seguir:

4.3.1 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada consiste num diálogo entre pesquisador e participante, seguindo um roteiro previamente preparado de perguntas. Contudo, deixa-se sempre um espaço para o entrevistado responder outras perguntas que por ventura surjam durante a discussão e que possam ser exploradas pelo pesquisador.

Gil (2002) destaca que a entrevista semiestruturada, também permite que o entrevistador retome a questão original ao perceber desvios, ao passo que o entrevistado tem a liberdade de falar abertamente sobre o assunto elencado.

No decorrer das entrevistas (vide apêndice B) o pesquisador trouxe assuntos relevantes para a pesquisa, como por exemplo como elas veem a tecnologia nos dias de hoje, como elas veem a metodologia usada no projeto UFC e a Comunidade, quais as motivações em participar do projeto, e qual a importância do mesmo para elas pessoalmente e para as suas gerações de renda, principalmente a venda de artesanatos. Para Minayo (2009, p. 64-66) a “entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

A entrevista foi realizada de forma virtual, usando um aplicativo de chamada de vídeo, de forma individual. Inicialmente as entrevistadas tiveram que aceitar um termo de consentimento para que a entrevista pudesse ser gravada e apresentada no trabalho. Após as entrevistas, as perguntas e respostas foram transcritas para uma melhor análise dos dados fornecidos.

4.3.2 Observação *In Loco*

Pensando que para a pesquisa, o processo é mais importante que o produto final, optamos pelo uso de uma observação participante. Segundo Rodrigues (2006, p. 92), esta técnica consiste na “coleta de dados a partir da observação e do registro, de forma direta, do fenômeno ou fato estudado”. Durante as oficinas, foram anotados pontos chaves que poderiam ser usados para fins de pesquisa, como por exemplo os conteúdos estudados, os principais desafios e desejos dos participantes, e como era a motivação das mesmas durante as oficinas.

4.3.3 Entrevista estruturada

Tendo em vista as dificuldades que algumas das participantes ainda têm com a tecnologia, buscamos uma maneira de aplicar uma entrevista estruturada. Participaram desde as alunas que entraram no projeto quando ele iniciou, até as que já começaram agora após o período de aulas online. A melhor maneira encontrada foi através de ligações telefônicas para as participantes, a partir dos contatos disponibilizados pela coordenadora do projeto. Foram feitos os mesmos questionamentos a todas as participantes. A entrevista estruturada foi criada por meio de uma ferramenta virtual, onde as respostas poderiam ser melhor avaliadas e comparadas com os outros instrumentos da pesquisa.

Marconi e Lakatos (2007) destacam que a entrevista: “padronizada ou estruturada que realiza-se de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas. O entrevistador segue um roteiro estabelecido previamente, as perguntas feitas são predeterminadas”.

O objetivo desta entrevista estruturada foi de analisar se houve mudanças que as participantes do projeto UFC e a Comunidade puderam perceber quanto a inclusão digital das mesmas neste período de pandemia, principalmente no envolvimento das mesmas com amigos e familiares por meios virtuais, destacando a importância do aprendizado adquirido no projeto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de estudar o projeto de extensão universitária “UFC e a Comunidade: Formação de jovens do Planalto Pici”, mostrando se a metodologia educacional facilitou a aprendizagem durante o curso, destacando também a importância da inclusão digital e social para os residentes do bairro Pici. Buscou-se em específico responder às seguintes questões:

1. Como podemos descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”?
2. Qual a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Pici?
3. Qual a motivação em letramento digital dos residentes do bairro Pici?

Para repassar de uma melhor forma os resultados e análises dos dados coletados, o capítulo foi dividido em seções com os objetivos do trabalho. As respostas dadas na entrevista estruturada, e nas entrevistas semiestruturadas que foram citadas durante a apresentação dos resultados foram transcritas exatamente como foram faladas durante as entrevistas, com expressões idiomáticas e termos de expressão, e para uma maior segurança das participantes, foram citadas somente com siglas dos correspondentes nomes de cada uma.

5.1 Primeiro objetivo:

Com a questão “Como podemos descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”?” quero investigar se a metodologia educacional (fundamentada pelos ensinamentos de Paulo Freire, baseada no diálogo, na troca de saberes e no entendimento de que “educar é sempre comunicar”) traz para o projeto UFC e a Comunidade melhoria na aprendizagem e seu engajamento no ensino, isso a partir das respostas das entrevistas estruturada e semiestruturadas.

5.1.1 Metodologia Educativa

A partir das questões 8 a 12 da entrevista estruturada (Vide Apêndice A) (8 - O método formal de ensino contribui para sua aprendizagem? 9 - As aulas expositivas contribuem para sua aprendizagem? 10 - Atividades desenvolvidas em grupo facilitam sua

aprendizagem? 11 - O ensino focado nos estudantes, com exemplos mais próximos da sua realidade facilitam sua aprendizagem?; 12 - O diálogo e a interação entre os participantes do curso aprimora o entendimento dos temas para quem está aprendendo?), os participantes deveriam qualificar as questões apresentadas, numa escala de 1 (Não contribuem em nada) a 5 (Contribuem muito para a aprendizagem), têm-se o objetivo de apontar se diferenças no métodos de ensino podem trazer de contribuição ou não para os participantes do projeto. Na primeira questão foi colocado em pauta o método tradicional de ensino. Como foi explicado para os entrevistados, estes seriam os métodos mais utilizados nas escolas, visto que o professor é o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, repassando seu conhecimento aos alunos, normalmente por meio de aula teórica. Assim, em disciplinas que utilizam somente o método tradicional, as aulas são centradas no professor, que define quais serão os conteúdos repassados aos alunos, assim como a organização de como será efetuado o processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2011). Pode-se inferir após análise dos dados que 11 dos 15 participantes, afirmaram que esse método não contribui para uma boa aprendizagem, e apenas 2, apontaram a opção afirmando que contribui sim para a aprendizagem, as outras 2 pessoas marcaram opções mostrando-se indiferente ao método.

Na questão seguinte, 14 dos participantes afirmaram que aulas expositivas contribuem para a aprendizagem, e apenas 1 apontou outra opção, mostrando-se indiferente a esse tipo de aula.

Quanto às atividades em grupo, o ensino voltado para mais próximo da realidade do aluno, e a importância do diálogo e interação dentro do curso, os 15 participantes mostraram a partir de suas respostas, que essas são práticas que facilitam sua aprendizagem.

Na questão 15 da referida entrevista estruturada, foi exposta a relação entre os participantes do curso e os tutores do projeto. *“Uma ótima relação, eu sentia muita falta. Eu sempre perguntava quando não sabia alguma palavra, todos tinham muita facilidade em ensinar, sempre tive segurança.”*(sic passim). É assim que FMC descreve na entrevista estruturada a sua relação com os bolsistas e voluntários que ministravam e realizavam as oficinas no projeto. A partir das entrevistas podemos confirmar essa relação e amorosidade dentro do projeto, trazido por meio do acolhimento e do diálogo, onde Paulo Freire (1987) traz em sua visão que “não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE,

1987, p. 79-80), sendo este, fator imprescindível para além de uma boa relação, também trazendo maior facilidade na aprendizagem. Pois a aprendizagem se torna mais difícil sem o diálogo, e quando o aluno sente medo. A cumplicidade entre tutores e alunos dentro do projeto só foi possível graças à troca afetiva que existia ali, se fazendo valer da empatia recíproca para despertar no outro o interesse e a vontade de ser mais.

Com a entrevista semiestruturada tivemos um aprofundamento nos temas da pesquisa. Com relação à metodologia educ comunicativa foi colocada em pauta a seguinte questão: “O que você acha da maneira que era repassado o conteúdo? Algo que você gostou dessa metodologia? E algo que você ache que precise melhorar?” Com isso, as participantes do projeto que responderam a entrevista elencaram pontos cruciais da metodologia educ comunicativa que favoreceram a aprendizagem das mesmas em sala. Como é o caso da participante MIMS que citou: *“Ah eu acho bom, porque cada um dá sua participação, cada um participava, eu acho muito bom isso aí.”* Ela mostra o quanto era importante o diálogo e a formação de opiniões entre as participantes e o quanto por meio da metodologia educ comunicativa eram instigadas a promover uma troca de saberes dentro do projeto, oriundos da vivências de cada uma que participava, cada uma podia expor e contribuir com o seu saber trazendo diálogos reflexivos e críticos importantes na construção da aprendizagem para todos.

Ou ainda RCD que destaca: *“Eu achei assim muito importante que tinha uma pessoa sempre no grupo ensinando, procurando saber se já tinha entendido e eu gostei muito”*, destacando que os tutores estavam sempre ali do lado delas dispostos a ajudarem e sanarem suas dúvidas, pois antes de tudo estávamos ali todos como alunos, ensinando e aprendendo de uma forma dialógica, para favorecer o crescimento de ambos os lados, é aí que a amorosidade definida por Paulo Freire (1987) se torna importante, quando o processo educativo não é autoritário.

Figuras 5 e 6: Tutores auxiliando cursistas durante a oficina do projeto.



Fonte: Acervo da coordenação

Já com respeito ao material usado no curso que facilitasse o entendimento e acompanhamento das participantes nos conteúdos abordados, VBMJ trouxe uma colocação importante: *“É muito bem abordado, o modo de ensinamento, tanto com o slide que visibiliza mais a gente e ver o modo correto de se usar”*. O participante destaca os slides, que eram as apresentações preparadas para os momentos de ensino, para trazer aulas mais visuais. Usava-se uma linguagem simples, com pouco ou nenhum texto, para que assim facilitasse no momento de encontrar algum símbolo ou ícone no celular, que era mostrado no slide projetado para todas. Buscava-se essa aprendizagem mais visual no momento das aulas, além de se proporcionar um maior contato com a tecnologia. Cada aluna deveria segurar seu próprio aparelho celular.

Figura 7: Momento de apresentação do conteúdo por meio de slides



Fonte: Acervo da Coordenação

Em outra questão (Quais as principais diferenças que você encontrou entre o curso UFC e a comunidade e algum outro ambiente de ensino que você frequentou?). Gostaria de fazer um paralelo entre o método tradicional de ensino, no qual as participantes do projeto já teriam um contato em algum momento de suas vidas, com a metodologia educacional, usada no projeto. Na questão anterior já vimos alguns pontos citados sobre a metodologia educacional pelas próprias participantes que destacam a melhoria que essa metodologia utilizada traz para sua aprendizagem, e em comparação com a tradicional, LST que mesmo nunca tendo frequentado uma escola, mas já tendo feito outros cursos na igreja diz: *“A diferença que eu vi assim né, de acolher, é ser acolhedor né, é muito maravilhoso, é melhor coisa. Se vocês não fossem acolhedores já tinham saído muita gente, olha que a sala começou cheia e terminou cheia né, ninguém faltava”*.

A participante destaca em sua fala o acolhimento que recebeu dentro do curso, mostrando o impacto que essa ação trouxe tanto para ela quanto para as outras participantes, que pode ser visto por meio do baixíssimo número de evasão das participantes do projeto. E já quando se trata de material, tendo como foco principal a metodologia educacional, também devemos ressaltar algumas diferenças. A participante FMC também fez um paralelo lembrando dos tempos em que ela estudou: *“A diferença é a apresentação né, porque vocês apresentam no quadro (slide), as figura né, e através daquelas figuras ajuda a gente compreender melhor né, e no ensino médio né, sujeito tem que ir para o livro, tem que pesquisar, e com vocês não, é no momento né, um vai tirar dúvida outro vai tirar dúvida e é muitas pessoas né, tá entendendo? E também a paciência de vocês, porque na idade da gente, meu filho, precisa ter paciência”*. Podemos ver nesta fala dessa aluna duas coisas muito importantes que nos ajudam a analisar melhor a influência da metodologia educacional dentro do projeto, que são: Como citado anteriormente, a importância dos elementos visuais dentro de apresentações nos momentos das aulas, e também reforça a importância do diálogo, onde elas podem tirar suas dúvidas naquele momento da aula, tendo seu espaço de aprendizagem para fazerem questionamento, destacando ainda a importância e atenção que os tutores têm para com elas.

Esses exemplos visuais que algumas participantes citam em suas entrevistas tinham como foco trazer exemplos reais, do seu dia a dia. Houve, por exemplo, a criação de uma personagem (D. Maria), na qual todo o desenrolar da aula era levando em consideração

as tarefas dessa personagem, que era costureira, assim como a maioria das participantes do projeto, também tentava realizar tarefas do cotidiano usando o celular. Tarefas essas que foram baseadas em sondagem feita com as participantes antes do início, e preparação das aulas do projeto. E a respeito desses exemplos próximos da realidade das participantes, e de como trazíamos visualmente para elas, a aluna MIOC ressalta ainda: *“Para mim facilitou muito porque a gente fica mais... né, atenta... a mente fica mais assim... bem especial, bem ativa focado naquilo ali”*.

Os tutores do projeto tentavam trazer os temas que deveriam ser repassados para a turma de uma forma compreensível para todos, e esses exemplos reais usados facilitam muito a aprendizagem. Abaixo podemos ver na figura, uma oficina que buscava ensinar sobre a memória do celular para as alunas, e os tutores para facilitar a compreensão de todos, por ser um tema mais técnico, trouxeram uma caixa de papelão maior para exemplificar o tamanho da memória do celular, e caixinhas menores que seriam os aplicativos, fotos ou vídeos que iam ocupando a memória.

Figura 8: Tutores usando caixas para exemplificar memória do celular.



Fonte: Acervo da coordenação do projeto.

Além de tarefas básicas, eram trazidas discussões para dentro do projeto sobre temas diversos, como por exemplo as fake news, comportamentos em grupos etc, que mesmo sendo importantes, dificilmente eram debatidos fora dali. Disse a aluna MIOC, a respeito desses momentos: *“Momento de discussão é muito importante para gente ficar atento às pessoas lá fora, é muito importante a gente saber das coisas e ouvir também, é muito importante porque a gente fica só, sem saber de nada, a pessoa fica como se tivesse com os olhos vendados. Não dá certo não, a gente tem que conversar sobre o que tá acontecendo lá fora para a gente ficar atento, se prevenir, se defender”*.

Como foi falado, esses momentos no projeto eram usados para debater, todos juntos, com suas vivências e experiências, para que ao sair dali, elas soubessem tanto do lado bom da internet, como também dos perigos, como por exemplo dos golpes que ocorrem pelos meio virtuais, que como MIMS falou: *“Eu acho muito importante né, porque tem muitas pessoas principalmente os idosos aposentados que tem levado tanto golpe né, aí é importante a gente falar né, do que tá acontecendo para evitar a gente cair no golpe”*, constando que a taxa de idosos que caem nesse tipo de golpes pela internet é muito grande, pois ainda são temas novos para muitos, por não ter discussões e abordagens sobre esses temas. E ainda sobre isso, a aluna destacou a importância que o projeto dava para que elas pudessem expor sua opinião, e compartilhar com a turma os seus pontos de vista.

Abordamos também um tema muito relevante, que devemos dar muita atenção, pois podem trazer graves consequências, que é a propagação de *fake news*, que a aluna LST considerou uma discussão muito importante e destacou: *“Eu achei maravilhoso principalmente sobre as fake news, porque até eu ficava compartilhando né, e aí a gente não pode ficar fazendo isso”*, afirmando durante a entrevista da importância que teve a discussão sobre esse tema, e que após esse momento do projeto ela começou a dar mais atenção para essas notícias, e não compartilhar tudo que chegasse para ela. Sabemos que muitas mentiras se espalham pelo meio virtual por não termos esse momento de parar, ler e pesquisar se aquela informação que chegou até nós tem fundamento e se realmente é verdade. Durante esse momento que discutimos sobre as *fake news*, mostramos sites confiáveis onde podemos pesquisar se as notícias que recebemos são verdadeiras ou não, e além disso, mostramos indícios mais presentes em notícias falsas para que ficassem atentas quando as recebessem em seus celulares. FMC, uma das participantes, relatou sobre esses momentos de discussão: *“O diálogo, a conversa é muito importante, importante demais para gente. Continuar as aulas*

para poder a gente melhorar mais”, destacando mais uma vez a importância, e o desejo que o projeto volte, para que mais temas possam ser discutidos dentro dele.

5.2 Segundo objetivo:

A partir da questão “Qual a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Pici?” Gostaria de investigar sobre a inclusão digital na vida dessas pessoas. Se essa inclusão vai além de enviar e receber mensagens.

5.2.1 Inclusão Digital e Social

Na questão 13 da entrevista estruturada (Após o curso, você percebeu alguma diferença nas relações entre você e outras pessoas por meio da internet? Quais?), grande parte dos participantes da entrevista estruturada ressaltaram que após o curso começaram a ter um contato maior com amigas e familiares, conversavam mais, faziam chamadas de vídeo e até conseguiram mais amigos. Como ressaltou VSM na entrevista estruturada: *“Sim, teve uma diferença grande. Amigas de infância que eu quase não tinha contato e hoje em dia falo com todos!”*. Já a participante MIOC diz que usou os grupos que participavam em redes sociais de mensagens instantâneas como forma de conseguir novas amigas para conversar e passear, e a mesma frisou durante a entrevista: *“Sim, teve mudança sim porque arranjei até amigo, porque assim, depois desse curso arranjei uns amigos porque eu comecei a participar do canto, no coral arranjei uma amiga, que qualquer coisa vai me levar para passear mais ela, e eu sei que arranjei um bocado de amiga, tá bom demais, tá ótimo”*.

Já ACBV destacou na entrevista estruturada: *“A diferença [entre antes e depois do curso] foi demais. A gente percebe que quando a gente não utiliza muito [internet], não sabemos nada de ninguém. Você começa a utilizar essas mídias, você se sente fazendo parte daquele todo. Começa a ver mais coisas da família, a diferença foi grande”*. Evidenciando mais uma vez que a mudança que mais ocorreu para elas foi a interação com outras pessoas, sejam amigas de longas datas, seja família, ou se até usou esse novo meio para conhecer novas pessoas e construir novas amizades.

Sabemos que a tecnologia se espalha cada dia mais no nosso meio, e das facilidades que ela traz e da agilidade que ela proporciona em algumas tarefas. Sobre isso, MIOC disse: *“Meu filho, para mim é muito importante, porque quando eu era menor, uns 60 e poucos anos atrás as coisas eram diferentes, não tinha telefone, eu queria que você visse”*.

E para sabermos a importância da tecnologia para elas, trouxemos uma outra questão na entrevista semiestruturada, para saber também o que mudou para elas depois que começaram a usar mais os meios tecnológicos. E FMC ainda ressaltou: *“O que eu achei mais importante, a comunicação né, meu filho, me comunicar com as pessoas à distância, saber que as pessoas não precisam de estar mandando carta, pelo celular mesmo já vejo tudo”*, comparando o envio de cartas, ao envio de mensagens instantâneas atualmente, destacando a rapidez com que é realizada uma conversa hoje.

A maioria das participantes nunca tinha participado de um curso como esse antes, sendo essa sua primeira e única oportunidade de adquirir conhecimentos sobre o *smartphone*. Por exemplo, para LSM que como falado anteriormente nunca frequentou uma escola, ressaltou: *“Aí eu fiquei com medo, eu fiquei com medo né, porque eu sempre tive medo de participar das coisas por causa do estudo”*. Ou ainda FMC que pensou o seguinte ao entrar no projeto pela primeira vez: *“Rapaz, eu disse assim: eu tô no meio desses jovens tudinhos para eu aprender. Mas tem que ser eles mesmos que vão ensinar as coisas para gente saber, que a gente não sabe”*, mostrando que enxergou muitos jovens ali ensinando e que seriam eles os responsáveis por orientá-la nos meios tecnológicos.

Os tutores buscavam ter uma aproximação e afeto para com cada aluna para que isso pudesse ajudá-las mais a tirar todas as dúvidas. Para poder dar atenção a todas, mesmo com um pequeno número de tutores, ao sentarem na mesa, tentava-se acomodar um tutor entre duas alunas, para fazer com que ele pudesse ajudar a pelo menos alunas sem maiores dificuldades. Na figura abaixo podemos ver melhor como isso funcionava.

Figura 9: Distribuição de alunas e tutores no ambiente.



Fonte: Acervo da coordenação do projeto.

Antes do curso, muitas participantes tinham um telefone simples, que usavam apenas para realizar e receber chamadas, e algumas sequer dispunham de aparelho celular. Isso não era um problema. Uma delas era MIOC, que iniciou o curso sem um *smartphone*, e usava o dos tutores emprestado para realizar as tarefas durante as aulas. Ela relembra: *“Meu filho, antes do curso eu não usava, eu nem tinha celular, só tinha celular cego que era só para ligar e atender, ligar e atender, não tinha nada, não tinha negócio de foto, e depois eu entrei no curso foi que eu comprei o celular”*. E também MIMS, que diz: *“Não, eu sabia mesmo só ligar e atender né, agora já sei algumas coisas, não sei tudo mas eu já sei algumas coisas”*, apontando que foi após o curso que aprendeu a usar mais coisas no seu *smartphone*, que antes do curso por não saber usar, restringia seu telefone apenas para ligar e atender, não utilizando as outras funções. Mas que após o curso, como ela mesmo disse: *“No WhatsApp eu converso com minha família do interior, eu falo sempre pelo WhatsApp, eu só boto crédito no celular de três em três meses só pra não perder o chip”*. Ela atualmente usa a internet para realizar suas ligações e falar com a família, e que dificilmente realiza recarga, e quando realiza é somente para não ocorrer o bloqueio do chip.

Assim como MIMS, algumas participantes do projeto até já tinham um *smartphone*, mas não utilizavam as funções do seu telefone por não saberem, e após o curso, colocando em prática o que era ensinado, aprenderam a usar o *smartphone*. Foi o que aconteceu com FMC que disse: *“Depois do curso que eu comecei a criar coragem e falar no WhatsApp, não tô dizendo que foi uma motivação grande para mim, eu já tiro foto aqui acolá, eu já falo com as pessoas, falo com meu povo da Amazônia, meu povo na Itália, é assim mesmo, né, sou Chique”*. E também RCD que contou: *“Logo no começo eu passava pouco tempo. Porque assim, eu não tinha muita paciência e eu também não entendia muito, mas depois eu fui vendo e fui aprendendo mais, e agora quando tô fazendo as coisas e de vez enquanto corro para ver se tem alguma novidade”*, salientando a ajuda que o curso proporcionou para que ela aprendesse a utilizar o *smartphone* e que atualmente quase sempre está de olho no telefone em busca de novidades.

Outro fator importante para o uso do *smartphone* são as funções que alguns aplicativos que instalamos trazem para facilitar nossas vidas, proporcionando mudanças que sem ele não seriam possíveis. Foi o que ocorreu com LSM, que mesmo nunca tendo frequentado a escola, conseguiu utilizar o *smartphone* após o projeto, e ressignificou suas funções para um melhor uso do aparelho. Ela ressaltou: *“Todos os dias da minha vida eu uso.*

[...] não vivo sem a tecnologia né, principalmente quem não tem estudo né, que a pessoa não sabe resolver isso aí vou já perguntar aqui no Google e o Google responde. A tecnologia para mim é muito maravilhosa né”.

Ainda falando sobre o uso de aplicativos, FMC destacou: *“Eu por exemplo, tá sendo muito útil para mim viu, porque antigamente eu saía para o banco para fazer pagamento, tinha que ir de táxi ou com uma pessoa conhecida e hoje não, faço pagamento em casa mesmo, então a tecnologia está me ajudando bastante”.* Aqui, a participante deixou evidente essa facilidade que agora tem em realizar pagamento nos bancos de forma digital, não precisando se deslocar, minimizando o riscos de segurança que ela pode ter com essa saída, e agora nesse período de pandemia principalmente, onde ela por já estar no grupo de risco, poder realizar essas tarefas na sua casa, é uma grande melhoria para a mesma. Ou ainda para quem realmente necessita se deslocar, temos aplicativos de transporte e a aluna LST fala sobre seu uso: *“[...] Uber eu peço demais. Antes eu não tinha aplicativo ainda”.*

Ficou evidente que após o curso, a vida das participantes mudou muito, tanto no âmbito digital de usar os aplicativos para realizar tarefas que antes eram feitas de forma manual, como no social, facilitando a comunicação delas com familiares, amigos, e também fazendo novos amigos. Em concordância com tudo isso, FMC destacou ainda: *“Depois do curso que eu tive coragem de falar com minhas amigas, falando no zap né, eu já escuto no Instagram as celebrações, os terços no Instagram, já sei passar no Instagram, já sei colocar no Face e enfim né eu já tô bem treinada”.* Ou ainda MMS, que disse: *“Teve [mudanças] porque tudo que eu vou fazer, eu ia na casa dos meus filhos para eles fazer, e nem toda hora eles estavam em casa. Agora não, mesmo errando aqui e acolá, já consigo fazer algumas coisas, não tudo que vocês ensinaram, mas tem coisas que eu aprendi mesmo, ficou na mente”*, realçando que após o projeto não tinha que sempre pedir ajuda aos filhos, e que os conhecimentos adquiridos foram importantes para realizar algumas tarefas sozinha.

Porém, é interessante observar um efeito dominó, no qual elas repassam o que estão aprendendo para pessoas próximas delas que não participaram do projeto. Como aconteceu com RCL: *“Minha cunhada tinha um celular muito simplesinho, e ela sempre dizia que não queria mexer por que não ia aprender, aí eu disse: mulher tu aprende, se não sabe escrever, manda áudio e faz qualquer coisa, tem que ficar moderno, não pode ficar para trás não”.* Ela reforçou para sua cunhada a importância da tecnologia e instigou a mesma a usar as ferramentas do seu celular que antes não usava. Sobre isso, VBMJ disse: *“[...] posso dar*

mais exemplos, até mesmo que eu tô ajudando minha esposa, que minha esposa também já não sabe mexer muito no celular; aí o que eu adquiri a experiência no curso eu estou passando para ela". Afirmando que transmite os conhecimentos adquiridos no projeto para sua esposa, ajudando-a a se inserir também nos meios tecnológicos.

Com o passar do tempo, podemos enxergar as mudanças que o projeto traz para a vida desses participantes, que mesmo com as dificuldades, hoje já conseguem falar com seus familiares de longe, que antes não tinham nenhum contato, ou também usando aplicativos que nem sabiam que existiam, facilitando a sua vida e trazendo melhorias para as mesmas. E VSM reforça isso em suas palavras: *"Então o curso...eu digo mais, esse curso é um projeto social...pra mim é um projeto social, porque um projeto social não é só aquele que dá comida, que dá abrigo, um projeto social dá inteligência [...]"*.

5.3 Terceiro objetivo:

Com essa questão "Qual a motivação para o letramento digital dos residentes do bairro Pici?", intenta-se entender a motivação dos moradores do bairro Pici a participar do projeto, em determinado dia da semana, ou mesmo do fim de semana, e saindo da sua zona de conforto. Além disso, pretende-se entender e evidenciar as possíveis dificuldades enfrentadas por esses moradores e se sofrem algum tipo de discriminação por estarem buscando conhecimento, ou por ainda, buscar entrar nesse mundo digital, que é tão novo para tantos. Busca-se identificar o que mais sofrem e o que pensam a respeito do idadismo dentro da sociedade atual em que estamos inseridos.

5.3.1 Motivação

Na questão 16 (O que lhe motiva a participar deste curso?) da entrevista estruturada podemos comprovar que a motivação maior que trazia os moradores para o projeto foi o acolhimento e a paciência para com eles, isso fazia com que voltassem em busca de novos conhecimentos, além de aprenderem a usar seus *smartphones* para conversarem com amigos e familiares, pois é como a aluna MIOC destacou: *"Vivo mais sozinha, então é importante aprender a fazer as coisas"*. O desejo em aprender dessas mulheres, vem porque "no mundo em que vivemos, devemos estar informados", como diz FMC. Destacam também na entrevista estruturada que para elas *"conhecimento nunca é demais, a gente precisa estar*

sempre aprendendo, o mundo está se modernizando e a gente precisa se modernizar também, [...] se apropriar de novas mídias e conhecer pessoas”, como destaca ACVB.

Como resultado desse acolhimento citado pelos participantes, na questão 17 (Você pretende continuar a participar no curso após esse período de pandemia?), 13 participantes afirmaram que voltarão a participar do projeto quando normalizar novamente, outros 2 participantes pontuaram que talvez voltariam, pois iria depender do dia e horário das oficinas.

Sobre o acolhimento no projeto, RCD ainda destaca o seguinte: *“[...] paciência nota 10, é verdade, nota 10 mesmo. Um dia desse eu tava até falando com uma colega minha, porque era bom ter sempre essas aulas assim, para ensinar, porque a pessoa vai aprendendo e lendo, mas a gente sempre tem que ter uma pessoa para dar orientação, né”*. Ela mostra com suas palavras que o que a trazia até o curso era a paciência que se tinha com ela, em ensinar sobre o que ela ia aprendendo e lendo na internet. É como Paulo Freire(1996) traz:

“é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.” (FREIRE, 1996, p. 8).

Ensinar com amorosidade é estar aberto sempre ao novo, é ser livre para repassar com amor aquilo que se deseja, e desse amor vem o diálogo e a paciência. É proporcionar por meio da afetividade e respeito condições favoráveis para que os educandos possam desenvolver seu senso crítico e sua aprendizagem.

Porém, vimos através da entrevista que o que mais traz essas mulheres a participarem do projeto é a vontade de aprender mais, como ressaltou a aluna MIOC: *“Para mim foi ótimo, eu achei que para mim foi ótimo, teve vantagem muito boa para mim, porque eu não sabia, só sabia atender o celular, e agora no celular mais novo estou melhor; e eu tô achando tudo mais prático”*.

E a aluna FMC ainda complementa: *“[...] nem todo mundo sabe usar esse instrumento não viu, você pensa que é fácil? Não é fácil não, é difícil, é tantos sinais que a gente tem que memorizar para poder teclar e dá certo, são muitos sinais que a gente tem que teclar para poder dar certo porque se teclar errado já viu”*. Mais uma vez é evidenciado como elas enxergam a oportunidade de aprender mais dentro do projeto, novos sinais, novas teclas, que mesmo tendo suas dificuldades, todas conseguem memorizar e fazer dar certo. Mas, além da aprendizagem, há também outras razões, como MLLP que disse: *“Eu fui por*

duas coisas: eu queria aprender e eu queria conhecer mais gente, conhecer as pessoas ali, os bolsistas...”, ressaltando a que a principal motivação dela, era sim aprender novas coisas, mas que também ia para conhecer novas pessoas, inclusive os bolsistas, destacando a interação existente dentro do projeto.

Figura 10: Momento de descontração entre os participantes do projeto.



Fonte: Acervo da coordenação do projeto.

Essas falas foram algumas das principais motivações dessas participantes do projeto, que buscam novos conhecimentos e novas amizades. Contudo, a importância principal, que pode ser enxergada nesse projeto, é o incentivo: o incentivo em aprender, em conhecer, em saber que podem mais e mais e que não há idade “correta” para nada. A aluna ECP destacou na sua entrevista: *“É um curso que incentiva muito, assim, a gente. Cada vez mais, aprender mais”*. E mais uma opinião sobre o incentivo que o projeto dá é o que podemos ouvir da aluna VSM: *“Então eu tô com vontade de fazer faculdade, tenho assim...tô com esse plano, porque me motivou a querer aprender mais, a entender que a gente tá aqui é para aprender, pra a gente aprender. Tudo que você aprende serve para você, pode não servir para aquilo, mas serve para outra coisa”*. Ela demonstra muito interesse em fazer uma

faculdade, e a motivação maior dela para seguir esse sonho foi o projeto que reacendeu nela a vontade e a importância em aprender. Ela avistou no projeto outras perspectivas de vida, para além das que as condições sociais e econômicas impõem.

E como conclusão, mencionamos o que a aluna RCD falou: *“Eu só queria dizer que era uma hora, mas passava tão rápido que era para ser a tarde toda”*. Todo o tempo dedicado para essas mulheres e para os tutores se torna pouco, pois o fato de trazer outras perspectivas para essas mulheres torna o projeto diferente de outros. A afetividade entre as participantes, o acolhimento e o incentivo são pontos-chaves para enfrentarem esse desafio e abrir os horizontes para essas mulheres que tanto se esforçam para participar do projeto.

5.3.2 Dificuldades e Preconceito

Na questão 14 (Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da tecnologia?), podemos confirmar o que foi dito no tópico anterior, confirmando que o maior preconceito para elas é a falta de paciência, tratando-se do ensino do uso dos meios tecnológicos. Até relatam o constrangimento que sentem em buscar ajuda dentro de sua própria família, quando por exemplo os filhos trazem o seguinte discurso: *“A mãe não aprende, a gente ensina, ensina e a mãe não aprende”*, como diz a aluna MMS.

São muitos os comentários, até mesmo dentro de suas próprias casas, como destaca a aluna LST: *“Tem gente que fala brincando, mas a gente não gosta não”*. Comentários tais como: *“Ah, ela não vai aprender não”*, *“aquilo é coisa de jovem”*, e até mesmo serem chamadas de lentas ou incapazes de aprender. Essas são somente algumas formas de disseminar o preconceito contra as pessoas mais velhas, que chamamos de idadeísmo. No projeto, este tipo de atitude é combatido, e como RCD disse: *“não dou muita crença para este tipo de comentário besta”*. E assim LST complementa: *“Todos somos capazes independente da idade”*. E VBMJ afirma: *“Esse curso é bom porque já evita das pessoas ficar com preconceito com você”*.

Como citado anteriormente, para LST, há comentários dentro da própria casa, de sua família que sempre vem junto um pouco de preconceito contra elas. Ela destacou na entrevista: *“O meu genro mesmo diz, brincando: Olha isso aqui, eu não sei o que que é velho usando o celular se não sabe mexer! É brincadeira né, mas é um bullying bem triste. É um bullying e não tem nada a ver, porque todo mundo tem capacidade de aprender, com a cabeça”*.

ruim ou com a cabeça boa, independente da idade a gente aprende alguma coisa, embora que esqueça depois, mas aprender aprende. A gente esquece mas não esquece tudo né...”

Esses tipos de comentários são mais frequentes do que imaginamos, e tiram muitas vezes a vontade que essa população na idade adulta madura tem em aprender novas coisas e se inserir no mundo digital. Para LST, esses comentários que o genro traz para dentro de casa a deixa triste, mas ela tenta ultrapassar tudo isso, tendo convicção que todo mundo tem capacidade de aprender novas coisas. Para MIMS, acontece o mesmo, ela disse na entrevista o seguinte: *“Eu acho que nunca é tarde pra gente aprender. Eu tenho sorte, graças a Deus que na minha família eu não tenho esse problema, todo mundo me ajuda”*.

Para ela, a aprendizagem sempre está ao nosso alcance, e ela ainda destaca que a família sempre que possível ajuda quando precisa. Mas não são todas que tem uma família que ajuda, e que repassam os conhecimentos sobre os meios digitais. Sobre isso, MIOC ainda ressaltou: *“Sempre minha família me ajuda, mas tem o meu neto que eu preciso para me ajudar. Ele me ensina uma vez e não quer ensinar mais, mas aos poucos eu tô conseguindo”*.

Para MIOC, o problema neste quesito é a paciência do neto, que só a ensina algumas vezes, e depois não tem mais paciência. E esse sem dúvida é o principal problema quando se trata desse tipo de preconceito. Com o mundo cada vez mais globalizado, todo mundo espera que os outros adquiram novos conhecimentos de uma forma muito rápida, sendo que não é tão fácil para quem não nasceu e cresceu envolto na tecnologia.

A cursista MLLP disse na entrevista: *“Vocês foram muito legais com a gente. Ontem, por exemplo, aqui, quando eu quis botar crédito no meu celular pelo aplicativo, aí eu pedi à menina, mas a menina não me ensina para botar crédito, ela mesmo bota, ela faz logo, aí como é que eu vou aprender, né? Aí fica difícil”*. Isso evidencia que as pessoas preferem fazer algo a ter que ensinar.

Tendo em vista esse problema, dentro do projeto tenta-se ter um número de tutores que possam atender a todos de uma forma atenciosa e calma. Só se iniciava outro assunto quando todas as alunas tinham entendido o que foi trabalhado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou compreender como o projeto UFC e a Comunidade fez uso da metodologia educacional em projeto de letramento digital na idade adulta, e estudar a eficácia da mesma para as alunas. Com isso, a pesquisa foi capaz de mostrar novas perspectivas e criar novas expectativas para os estudantes. Onde, antes de tudo, temos esse papel como universidade pública e gratuita de levar conhecimento que se ganha aqui dentro, para além dos muros da universidade.

Para se atingir uma maior compreensão da realidade que o estudo quis analisar, definiram-se três objetivos específicos. E foram aplicadas duas rodadas de entrevistas com os participantes, além de observações in loco dos momentos de oficinas no projeto.

A respeito do primeiro objetivo, de descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”, pôde-se comprovar a partir deste estudo que a educação fez a diferença nos momentos de ensino dentro do projeto, facilitando a aprendizagem das alunas e valorizando a troca de saberes dentro do curso, destacando ainda a amorosidade, acolhimento e diálogo como pontos-chaves do curso.

Na entrevista semiestruturada, o protocolo foi preparado levando em consideração principalmente o segundo objetivo específico, que é: destacar a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Pici. A partir das questões trazidas pelas alunas, constata-se o quanto o conhecimento adquirido no projeto reverberou fora dos muros da universidade, visto que após as aulas houve uso maior de meios tecnológicos, facilitando a interação entre as participantes com familiares, amigos e inclusive funcionou na criação de novos laços de amizade, seja dentro do curso, entre alunas e tutores, ou fora dele. Há evidências de que os conhecimentos adquiridos se tornaram responsáveis por mudanças na vida das alunas, no quesito pessoal, profissional e social.

Já como terceiro objetivo, de identificar a motivação para o letramento digital na vida adulta, identificamos que o acolhimento, a paciência e o diálogo são as alavancas que trazem as participantes para o projeto. Destacando-se ainda a interação e o incentivo que lhes é dado dentro do curso.

A aprendizagem é algo essencial para todos. Adquirir novos conhecimentos é uma tarefa que pode ser experimentada em qualquer fase de nossas vidas, e atualmente, com o

grande avanço tecnológico, isso se torna mais importante ainda, pois todos os dias são lançadas novas atualizações de determinado aplicativo, ou são lançados novos aparelhos. E quando falamos que “em todas as fases da vida” somos capazes de aprender, isso também inclui a tecnologia, que mesmo sendo nova para muitos, deve ser repassada para todos, incluindo digitalmente e socialmente todos que queiram se apropriar dela.

Mas no projeto e a partir das entrevistas observa-se o quanto é necessário também construir um pensamento crítico e consciência cidadã, como era colocado em destaque durante as oficinas nos momentos de discussão, em que eram trazidos temas importantes para a turma debater.

Como já detalhado e explorado no capítulo de resultados e discussão, tem-se, de maneira geral importantes reflexões sobre a metodologia educacional aplicada ao letramento digital de adultos, e em como alunos da universidade pública podem ultrapassar os seus muros para devolver à comunidade aquilo que lhes é ofertado, de uma maneira acolhedora e afetiva. Vejo como o maior ganho dentro do projeto dentre tantas coisas, a oportunidade de se crescer junto com alunas, pois com a troca de saberes que é feita dentro das aulas, tutores saem tão cheios de novos conhecimentos quanto as próprias alunas.

Porém mesmo com essa grande importância do projeto, como foi falado no início, o projeto funciona graças ao grande empenho da comunidade, e de bolsistas que se voluntariam. Acredito que o governo, por meio da universidade, poderia valorizar mais esse envolvimento entre universidade e comunidade, e trazer mais investimentos e/ou financiamentos para que projetos como esses pudessem ser desenvolvidos envolvendo mais pessoas, com tempo maiores de aulas, e que facilitassem a logística para um pleno desenvolvimento do projeto. Outra questão relevante que deve ser levada em pauta são ações de comunicação e marketing para divulgação de projetos como esses, promovendo ações extensionistas dentro e fora da universidade.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. **Letramento digital na terceira idade: Estudo de caso do Projeto de Inclusão Digital para Terceira Idade da Fatec Garça / Cristian Ricardo Andrade**, 2019

APARICI, R (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. Tradução de: Luciano Menezes Reis.

BARANAUSKAS, M. C. C.,& VALENTE, J. A. **Editorial. Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, 2013.

BLANCO, E.; SILVA, B. **Tecnologia Educativa em Portugal: conceito. Origens, evolução, áreas de intervenção e investigação**. Revista Portuguesa de Educação, v. 6, n. 3, p. 37-55, 1993.

BUZATO, M. E. K. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. EducaRede. Entrevista por Olivia Rangel Joffily. 2003

CASTELLS, M. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução: Roneide Venancio Majer. 9.ed. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

CASTRO, G. **Precisamos discutir o idadismo na comunicação. Comunicação & Educação**, 2015.

CENECA: **Educación para la comunicación. Manual Latinoamericano**. Santiago de Chile, CENECA/UNICEF /UNESCO, 1992.

CITELLI, A. O. ; COSTA M. C. C. C. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011

COSCARELLI, C., V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 248p, 2005.

DEBERT, G. G. - **A dissolução da vida adulta e a juventude como valor**. Horizontes Antropológicos. vol. 16, n. 34. 2010.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, H. D. **A Terceira Idade e a Internet: uma questão para o novo milênio**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [homepage na internet]. **Mudanças demográficas no Brasil no início do século XXI – subsídios para as projeções das populações**. 2015.

KENSKI, V. M. **Novas Tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. Revista Brasileira de Educação, nº8, 1998.

LEMOS, A.; COSTA, L. F. **Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, 2005

MALHOTRA, N. k. et al. **Introdução à pesquisa de marketing**. Ex. 20, São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007

MARTIN-BARBERO, J. **Heredando ai futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación**. Nómadas, Bogotá, n. 5, p. 10-22, seI. 1996.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

PIMENTA, M. C. **Tecnologia da Informação e Comunicação: a prática pedagógica do IFNMG/Campus Montes Claros**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, p.28. 2016.

RODRIGUES, A. de J. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SANTOS, A. G. **Letramento Digital e Inclusão Social do Idoso/ Adriano Gonçalves dos Santos – Guarulhos, 2018**.

SARAIVA, T. **Educação a distância no Brasil: lições da história**. Em Aberto. Brasília, ano 16, n.7, 1996.

SILVA, A. M. P. da. **Processos de ensino-aprendizagem na Era Digital**. Universidade Aberta. 2006.

SILVA, C. L. O. da. Letramento digital de adultos: Uma experiência extensionista fundamentada em Paulo Freire *In: ABREU, J. M.; PADILHA, P. R. (Orgs.). Como alfabetizar com Paulo Freire*. 1. ed. - São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020. p.70-77.

SILVEIRA, S. A. da. **Exclusão digital, a miséria na era da informação**. 2.ed.

São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. **Exclusão digital: a miséria na Era da Informação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SOARES, I. O. “**Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos**”. In: SOARES, I. O. (Org). Cadernos de educomunicação 1: caminhos da educomunicação. São Paulo: Editora Salesiana, 2a edição, 2003.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** NCE/USP (Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo), 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOBREIRO, M. A. **Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar.** São Paulo: USP/NCE, 2005.

SORJ, B. **brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: Unesco, 2003.

SOUZA, V. **Letramento digital e formação de professores.** Revista Língua Escrita, n. 2, 2007.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde.** Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TARAPANOFF, K.; SUAIDEN, E.; OLIVEIRA, C. L. **Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação**. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.3, n.5, 2002.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia** (12ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

APÊNDICE A - Protocolo de Entrevista estruturada

1 - Nome:

2 - Idade:

3 - Nível de escolaridade

4 - Por qual aparelho você acessa a internet?

5 - Você já tinha feito algum curso antes desse?

6 - O que você mais usa na internet?

7 - Quais as principais habilidades você desenvolveu durante o curso?

Enumere a importância de cada sentença, sabendo que 1 é Não contribuem em nada e 5 Contribuem muito:

8 - O método formal de ensino contribui para sua aprendizagem.

9 - As aulas expositivas contribuem para sua aprendizagem.

10 - Atividades desenvolvidas em grupo facilitam sua aprendizagem.

11 - O ensino focado nos estudantes, com exemplos mais próximos da sua realidade facilitam sua aprendizagem.

12 - O diálogo e a interação entre os participantes do curso aprimora o entendimento dos temas para quem está aprendendo.

13 - Após o curso, você percebeu alguma diferença nas relações entre você e outras pessoas por meio da internet? Quais?

14 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da tecnologia?

15 - Como você avalia a relação estabelecida entre alunos e bolsistas dentro do curso UFC e a Comunidade?

16 - O que lhe motiva a participar deste curso?

17 - Você pretende continuar a participar no curso após esse período de pandemia?

APÊNDICE B - Protocolo de Entrevista semiestruturada

TECNOLOGIA

- 1.1 Como você vê a tecnologia hoje?
- 1.2 Quanto tempo você passava na internet antes do curso? E após o curso?
- 1.3 Com o uso da tecnologia, ficou perceptível alguma mudança na venda de bonecas, ou no âmbito do grupo?
- 1.4 O que você tem a dizer sobre o preconceito que algumas pessoas acreditam, onde pessoas adultas têm maior dificuldade em aprender?

EXPERIÊNCIA NO CURSO:

- 2.1 Você já participou de um curso como esse antes?
- 2.2 Como você conheceu o curso?
- 2.3 A experiência nesse curso aprimorou seu conhecimento nos temas?
- 2.4 Qual conteúdo do curso foi mais relevante para você?
- 2.5 Quais foram suas impressões, seus pensamentos a respeito do curso?.
- 2.6 Houve desafios? Em caso afirmativo, quais?

UM POUCO MAIS SOBRE O CURSO:

- 3.1 Segundo você, qual o valor de um curso como esse?
- 3.2 O que você achou dos materiais usados no curso?
- 3.3 Quais são as vantagens e desvantagens de participar de um curso como esse aos sábados?
- 3.4 Como você explicaria a importância desse curso para seu trabalho?
- 3.5 Já houve mudanças na sua vida como consequência do curso? Exemplos?

METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA:

- 4.1 O que você acha da maneira que era repassado o conteúdo? Algo que você gostou dessa metodologia? E algo que você ache que precise melhorar?
- 4.2 Quais as principais diferenças que você encontrou entre o curso UFC e a comunidade e algum outro ambiente de ensino que você frequentou? (escola, curso, grupo da igreja)
- 4.3 O que você tem a falar sobre os momentos de discussões dentro do curso.

ALGO MAIS QUE VOCÊ GOSTARIA DE MENCIONAR?

5.1 Você mencionou _____, conte-me mais sobre isso.

5.2 Você mencionou _____, como você se sentiu em relação a isso?

5.3 Você disse _____, poderia elaborar mais sobre isso?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **ENGAJAMENTO DIGITAL E SOCIAL DE MORADORES DO BAIRRO PICI A PARTIR DA METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA** que está sendo desenvolvida pelo bacharelado **Vinícius Castelo de Sousa**, do Curso de **Sistemas e Mídias Digitais** da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da **Prof.a. Dra. Cátia Luzia Oliveira da Silva**.

Os objetivos do estudo são: **Analisar a metodologia educ comunicativa pautada por Paulo Freire(1970) baseada na troca de saberes e no diálogo;** Descrever o engajamento digital e social no projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade: formação de jovens do Planalto Pici”, **destacar a importância da inclusão digital na vida dos residentes do bairro Pici e identificar a motivação em letramento digital na vida adulta.**

Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista de em média 60 minutos de duração, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e tecnologia e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que essa pesquisa trará contribuições para o processo de aprendizagem nos cursos de letramento digital, porquanto mostrará novas maneiras e metodologias usando quaisquer meios digitais, não havendo qualquer risco para quem dela participar.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o

meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Fortaleza - CE, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador **Vinícius Castelo de Sousa** Telefone: **(85) 99250-8117** ou para o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 – Rodolfo Teófilo, telefone 85 3366-8344.

APÊNDICE D - PLANILHA DE ANÁLISE DE DADOS

1ª OBJETIVO: Perguntas 4.1- 4.3		
ENTREVISTADES	METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA	DISCUSSÕES DE TEMAS IMPORTANTES
RCD	Eu achei assim muito importante que tinha uma pessoa sempre no grupo ensinando, procurando saber se já tinha entendido e eu gostei muito.	
LST		Eu achei maravilhoso principalmente sobre as fake News, porque até eu ficava compartilhando né, e aí a gente não pode ficar fazendo isso.
LST	A diferença que eu vi assim né, de acolher, é ser acolhedor neh, é muito maravilhoso, é melhor coisa se vocês não fossem acolhedores já tinham saído muita gente, olha que a sala começou cheia e terminou cheia né, ninguém faltava	
MIMS	Ah eu acho bom, porque cada um dar sua participação, cada um participava, eu acho muito bom isso aí.	Eu acho muito importante né, porque tem muitas pessoas principalmente os idosos aposentados que tem levado tanto golpe né, aí é importante a gente falar né, do que tá acontecendo para evitar a gente cair no golpe.
MIOC	Para mim facilitou muito porque a gente fica mais... né, atenta... a mente fica mais assim... bem especial, bem ativa focado naquilo ali. [EXEMPLOS REAIS]	Momento de discussão é muito importante para gente ficar atento às pessoas lá fora, é muito importante a gente saber das coisas e ouvir também, é muito importante porque a gente fica só sem saber de nada, a pessoa fica como se tivesse com os olhos vendados. Não dá certo não, a gente tem que conversar sobre o que tá acontecendo lá fora para a gente ficar atento se prevenir se defender.
FMC	A diferença é a apresentação né, porque vocês apresentam no quadro, as figura né, e através daquelas figuras ajuda a gente compreender melhor né, e no ensino médio né, sujeito tem que ir para o livro, tem que pesquisar, e com vocês não, é no momento né, um vai tirar dúvida outro vai tirar dúvida e é muitas pessoas né, tá entendendo? E também a paciência de vocês, porque na idade da gente meu filho precisa ter paciência.	O diálogo, a conversa é muito importante, importante demais para gente. Continuar as aulas para poder a gente melhorar mais.
VBMJ	É muito bem abordado, o modo de ensinamento, tanto com o slide que visibiliza mais a gente e ver o modo correto de se usar [as ferramentas abordados no conteúdo]	

2º OBJETIVO: Perguntas 1.1 - 1.3, 2.1 - 2.4, 3.5			
ENTREVISTADES	TECNOLOGIA	INCLUSÃO DIGITAL	INCLUSÃO SOCIAL
RCL	Logo no começo eu passava pouco tempo. Porque assim, eu não tinha muita paciência e eu também não entendia muito, mas depois eu fui vendo e fui aprendendo mais, e agora quando tô fazendo as coisas e de vez enquanto corro para ver se tem alguma novidade.	minha cunhada tinha um celular muito simplesinho, e ela sempre dizia que não queria mexer por que não ia aprender, aí eu disse: mulher tu aprende, se não sabe escrever, manda áudio e faz qualquer coisa, tem que ficar moderno, não pode ficar para trás não,	
LST	Todos os dias da minha vida eu uso. [...] não vivo sem a tecnologia né, principalmente quem não tem estudo né que a pessoa não sabe resolver isso aí vou já perguntar aqui no Google e o Google responde. A tecnologia para mim é muito maravilhoso né.	Com certeza, ave maria, Uber eu peço demais. Antes eu não tinha aplicativo ainda.	Ai eu fiquei com medo, eu fiquei com medo né, porque eu sempre tive medo de participar das coisas por causa do estudo,
MIMS	Não, eu sabia mesmo só ligar e atender né, agora já sei algumas coisas, não sei tudo mas eu já sei algumas coisas.		No WhatsApp eu converso com minha família do interior, eu falo sempre pelo WhatsApp, eu só boto crédito no celular de três em três meses só pra não perder o chip.
MIOC	Meu filho para mim é muito importante porque quando eu era menor, uns 60 e poucos anos atrás as coisas era diferente, não tinha telefone, eu queria que você visse.		Sim , teve mudança sim porque arranjei até amigo, porque assim, depois desse curso arranjei uns amigos porque eu comecei a participar do canto, no coral arranjei uma amiga,
MIOC	Meu filho antes do curso eu não usava, eu nem tinha celular só tinha celular cego que era só para ligar e atender, ligar e atender, não tinha nada não tinha negócio de foto, e depois eu entrei no curso foi que eu comprei o celular.		

FMC	Eu por exemplo, tá sendo muito útil para mim, viu, porque antigamente eu saia para o banco para fazer pagamento, tinha que ir de táxi ou com uma pessoa conhecida e hoje não, faço pagamento em casa mesmo, então a tecnologia está me ajudando bastante.	Rapaz, eu disse assim: eu tô no meio desses jovens tudinhos para eu aprender. Mas tem que ser eles mesmos que vão ensinar as coisas para gente saber, que a gente não sabe,	Depois do curso que eu tive coragem de falar com minhas amigas, falando no zap né, eu já escuto no Instagram as celebrações, os terços no Instagram, já sei passar no Instagram, já sei colocar no face e enfim né eu já tô bem treinada.
FMC	Depois do curso que eu comecei a criar coragem e falar no WhatsApp, não tô dizendo que foi uma motivação grande para mim, eu já tiro foto aqui acolá, eu já falo com as pessoas, falo com meu povo da Amazônia, meu povo na Itália, é assim mesmo né sou Chique.		O que eu achei mais importante a comunicação né meu filho, me comunicar com as pessoas à distância, saber que as pessoas não precisam de estar mandando carta, pelo celular mesmo já vejo tudo,
VBMJ			Mudou sim, posso dar mais exemplos, até mesmo que eu to ajudando minha esposa, que minha esposa também já não sabe mexer muito no celular, ai o que eu adquiri a experiência no curso eu estou passando para ela.
MMS		Teve porque tudo que eu vou fazer eu ia na casa dos meus filhos para eles fazer e nem toda horas eles estavam em casa. Agora não, mesmo errando aqui e acolá, já consigo fazer algumas coisas, não tudo que vocês ensinaram, mas tem coisas que eu aprendi mesmo, ficou na mente.	
VSM		Então o curso...eu digo mais, esse curso é um projeto social...pra mim é um projeto social, porque um projeto social não é só aquele que dá comida, que dá abrigo, um projeto social dá inteligência ...	

3º OBJETIVO : 1.4, 2.5, 2.6, 3.3		
ENTREVISTADES	IDADISMO	MOTIVAÇÃO
LST	<p>O meu genro mesmo diz brincando: Olha isso aqui ***** , eu não sei o que que é velho usando o celular se não sabe mexer! É brincadeira né, mas é um <i>bullying</i> bem triste. É um <i>bullying</i> e não tem nada a ver, porque todo mundo tem capacidade de aprender, com a cabeça ruim ou com a cabeça boa independente da idade a gente aprende alguma coisa, embora que esqueça depois mas aprender, aprende. A gente esquece mas não esquece tudo né...</p>	
MLLP	<p>Vocês foram muito legais com a gente. Ontem por exemplo aqui, quando eu quis botar credito no meu celular pelo aplicativo, aí eu pedi a menina mas a menina não me ensina para botar crédito, ela mesmo bota, ela faz logo, aí como é que eu vou aprender, né? Aí fica difícil.</p>	<p>Eu fui por duas coisas: eu queria aprender e eu queria conhecer mais gente, conhecer as pessoas ali, os bolsistas...</p>
MIMS	<p>Eu acho que nunca é tarde pra gente aprender. Eu tenho sorte graças a Deus que na minha família eu não tenho esse problema todo mundo me ajuda.</p>	
MIOC	<p>Sempre minha família me ajuda, mas tem o meu neto que eu preciso para me ajudar. Ele me ensina uma vez e não quer ensinar mais, mas aos poucos eu tô conseguindo.</p>	<p>Para mim foi ótimo, eu achei que para mim foi ótimo, teve vantagem muito boa para mim, porque eu não sabia, só sabia atender o celular, e agora no celular mais novo estou melhor, que tá melhor e eu tô achando tudo mais prático. No sábado é bom, na semana porque tem uns cursos da gente!</p>
FMC		<p>Rapaz você sabe que nós fizemos o básico não é, então pronto, é isso aí que a gente vai precisar, eu pelo menos eu preciso né, e eu creio que muita gente também precisam disso, e nem todo mundo sabe usar esse instrumento não viu, você pensa que é fácil? Não é fácil não, é difícil, é tantos sinais que a gente tem que memorizar para poder teclar e dá certo, é muito sinais que a gente tem que teclar para poder dar certo por que se teclar errado já viu.</p>

RCD		Com certeza muito boa, paciência nota 10, é verdade nota 10 mesmo. Um dia desse eu tava até falando com uma colega minha, porque era bom ter sempre essas aulas assim, para ensinar, porque a pessoa vai aprendendo e lendo, mas a gente sempre tem que ter uma pessoa para dar orientação né.
VSM		Então eu tô com vontade de fazer faculdade, tenho assim...tô com esse plano, porque me motivou a querer aprender mais, a entender que a gente tá aqui é para aprender, pra a gente aprender. Tudo que você aprende serve para você, pode não servir para aquilo, mas serve para outra coisa.
ECP		É um curso que incentiva muito, assim, a gente. Cada vez mais, aprender mais.
RCD		Eu só queria dizer que era 1 hora, mas passava tão rápido que era para ser a tarde toda.